

e, portanto, define-se por sua dimensão social. Assim, na perspectiva dos pesquisadores da Alemanha, pensar a pedagogia como social traduz-se em uma redundância. A brasileira Marlene Ribeiro,<sup>1</sup> em artigo recente, também intensifica a tese de que toda a educação é social, e reforça a idéia da repetição presente em Gimeno e outros.

No Brasil, não está em pauta a formação acadêmica do pedagogo social, no entanto, estamos diante de um campo complexo e contraditório, o da educação no campo social. Da história da educação popular, em especial, a partir dos estudos de Paulo Freire, é possível verificar que ela tem sido metamorfoseada pela emergência das políticas públicas do terceiro setor, as quais evidenciam outros contornos à educação popular e comunitária. Os projetos socioeducativos voltados a populações vulnerabilizadas socialmente são um exemplo.

Não obstante, os estudos de Caride e dos demais autores citados por ele contribuem com uma área do conhecimento que, no Brasil, dá seus primeiros passos em direção à formação acadêmica ou em serviço de educadores sociais. Tal contribuição pode provocar um tensionamento na trajetória das práticas assistencialistas e compensatórias voltadas às populações mais vulnerabilizadas à medida que faz chegar à educação não-escolar questionamentos em torno da necessidade da sua profissionalização.

Um encontro qualificado da educação com o social demanda por uma aproximação com a pedagogia social, se não como profissão, nos moldes da Europa e alguns países da América Latina, ao menos como área transdis-

ciplinar de conhecimento. Nessa perspectiva, pretendemos explorar outros cenários que vislumbrem a possibilidade de a educação constituir-se como direito e potência para os sujeitos, em um encontro com os outros e com o mundo. Sem perder de vista sua temporalidade, a sua necessária vinculação institucional sob a responsabilidade do Estado, a pedagogia social, desde a sua transversalidade, deverá agregar à educação valores que favorecem, entre outros, a emergência de uma cultura da solidariedade e uma ética do cuidado.

*Dinora Tereza Zucchetti*

Professora pesquisadora da Federação de Estabelecimento de Ensino Superior em Novo Hamburgo (FEEVALE), e membro do Grupo de Estudos Gestão do Cuidado em Educação (UFRGS) e do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Trabalho (FEEVALE).

*E-mail:* dinora@feevale.br

TRASSI, Maria de Lourdes. *Adolescência – violência: desperdícios de vidas*. São Paulo: Cortez, 2006. 264 pág.

No rol das temáticas controversas e polêmicas percebidas no âmbito social, a associação entre adolescentes e violência pode ser considerada uma construção bastante significativa, sobretudo, no momento presente. Nesse cenário é que são gestadas as relações abordadas pela autora, Maria de Lourdes Trassi, psicóloga e psicanalista, que conta com uma ampla trajetória profissional, na qual tem destaque práticas relacionadas aos adolescentes autores de ato infracional, tendo atuado na primeira unidade do sistema Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM) na década de 1970, posteriormente, na década de 1980, sendo diretora da única unidade da FEBEM para jovens adultos.

O recorte histórico temporal da pesquisa relaciona-se ao período compreendido entre os anos de 1960 a 2005 tendo como lócus espacial a cidade de São Paulo. As problematizações apóiam-se em autores como Hobsbawm, Foucault, Heller, Adorno e Freud.

A pesquisa pauta-se na consideração da temática como uma realidade composta por numerosos determinantes, os quais se referem: ao modo de organização social, política e econômica; às novas tecnologias; às mudanças nas relações de gênero e na percepção da juventude, fundamentalmente em seus novos papéis sociais na família e na sociedade e sua incorporação ao mercado do consumo “de bens materiais e culturais”.

Uma hipótese de pesquisa bastante importante para conceber a problemática levantada pela autora é a representação social existente e muito difundida acerca da responsabilidade dos adolescentes pelos elevados índices de criminalidade observados no âmbito nacional, visto que essa forma de representação é o que possibilita, por vezes, a justificação do uso pelo Estado de meios autoritários e repressivos e, em determinados casos, fornece legitimidade a mecanismos cruéis como a tortura e o extermínio.

Com relação ao processo metodológico desenvolvido, cabe destacar que contempla fontes documentais, constituídas de dados estatísticos, relatórios, estudos de casos, pesquisas científicas, entre outros. Além disso, utiliza também como recurso a história de vida, fundamentada em raízes antropológicas e psicanalíticas, realizando o diálogo com os mais diversos saberes e especialidades na construção das análises.

O despertar pelo interesse da leitura de cada capítulo inicia-se pelos títulos convidativos e provocativos. Os capítulos foram construídos de tal forma que cada uma se refere a um período específico (décadas) do recorte temporal selecionado pela autora. A

<sup>1</sup> RIBEIRO, Marlene. Uma educação social faz sentido? Alguns apontamentos. S.d. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/tramse/argos/edu/2004/06/uma-educa-brasil-16-de-abril-de-2004.html>>. Acesso em: 4 de abril de 2006.

trajetória de vida de alguns adolescentes dentro do sistema socioeducativo nos diferentes momentos abordados na obra servem de pano de fundo para uma problematização de elementos conjunturais e permite que o leitor vislumbre uma maior proximidade com as análises tecidas.

Dessa forma, vale destacar as reflexões levantadas pela autora acerca da realidade do aumento da criminalidade entre os adolescentes a partir da década de 1990, e o cotidiano das instituições para adolescentes que cometeram atos infracionais. São dados de pesquisas e relatórios que descrevem a situação e realidade das unidades de internamento de adolescentes infratores na cidade de São Paulo. E declara com sabedoria que “[...] as políticas de privação de liberdade acabam reforçando a socialização no mundo do crime, a reincidência e a construção da carreira moral da delinqüência no interior da própria instituição destinada ao controle social” (p. 167).

Trassi coloca em questão se a participação dos adolescentes na criminalidade urbana, especialmente nas modalidades violentas, realmente cresceu ou se há uma espetacularização do crime pela mídia.

O capítulo final constitui-se de alguns tópicos que visam ir além da aparência e das “representações sociais falseadoras da realidade sobre o tema adolescência – violência no contexto da cultura” (p. 204). Esse binômio possui múltiplas faces, complexas determinações e articulações, para compreendê-lo faz-se necessário um modo de olhar e compreender que implica a transdisciplinariedade, é necessário transitar por vários saberes.

A autora coloca em discussão se há uma ética possível na violência, e se pensar sobre o futuro implicaria pensarmos uma ética da violência. Temos guerras legítimas e ilegítimas que autorizam a liberação da crueldade no

dia-a-dia, pois o outro, quem quer que seja, pode ser um inimigo. Temos que as crianças e os adolescentes são vítimas da guerra e também seus personagens – é possível pensar um futuro para crianças e adolescentes que vivem radicalmente a experiência da violência, ou ainda, existe possibilidade de não repetirem como agentes a violência que os vitimou anteriormente? Há um claro fracasso dos mecanismos reguladores da convivência coletiva – faz-se necessário construir estratégias para acabar com as práticas “dissimuladas ou descaradas de convivência com a crueldade”. Num mundo narcisista, imediatista, no qual prevalece uma moral do consumo – no qual há espaço para os ideais e as utopias? Faz-se necessária uma crítica “à sociedade contemporânea e uma valorização radical do ser humano como razão última de todo ato social. A ética da solidariedade com o outro [...] um esforço coletivo, transnacional” (p. 254).

A inserção profissional da autora no universo das relações constituintes de seu objeto de estudo, ao mesmo tempo em que exigiu prudência e autocrítica no concernente as suas idéias, convicções e julgamentos, possibilitou o aflorar de um novo olhar para realidade, um profícuo exercício intelectual que consiste naquilo que Roberto Damatta define como: “tornar exótico o natural”.

Nesse processo, a autora sinaliza para o fato de que o mérito de uma pesquisa não está em desvelar uma esfera da realidade ainda inexplorada, mas ser capaz de partir de uma esfera por vezes familiar e perceber novos elementos passíveis de questionamentos, aspectos do real ainda não problematizados, romper com o instituído, penetrando nele a fim de constatar onde se deflagram suas lacunas.

E vai além, o desnudamento das realidades vivenciadas pelos jovens aos quais ela recorre para delinear o processo de construção de suas idéias, e

muitos outros que ali se encontram representados em meio às folhas, dá o tom da obra – sincera, realista, muito bem embasada, e sensível às conjunturas do sistema nacional de atendimento ao adolescente que cometeu ato infracional.

*Soeli Andrea Guralh*

Assistente social  
Mestranda do Programa de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)  
*E-mail:* sguralh@hotmail.com

*Silvia Regina Ott Migliorini*

Psicóloga  
Mestranda do Programa de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)  
*E-mail:* silvia\_migliorini@hotmail.com

GONDRA, José Gonçalves (Org.).

*Pesquisa em história da educação no Brasil.* Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

“Recensar, pensar-se, promover uma dobra sobre si para refinar os modos de fazer história da educação”. Assim começa o texto “Mapas da produção em história da educação” que abre o livro *A pesquisa em história da educação no Brasil*, organizado por José Gonçalves Gondra (2005). O conjunto da obra cumpre esse objetivo na medida em que indica lugares e modos de produção, aponta para as principais temáticas discutidas nesses *espaços de fazer*, delinea os recortes temporais e teóricos e, principalmente, nos indica as lacunas e incompletudes, as questões abertas, enfim, as possibilidades de refutação e *exumação de procedimentos efetivos* (Certeau, 1982) e crescimento da discussão em história da educação no Brasil.

O livro é uma coletânea de textos